

JUSTIÇA & CIDADANIA

CONSTITUIÇÃO

revistajc@revistajc.com.br - www.revistajc.com.br

Juízado Especial de Família



Ministro Nilson Naves:

"Não haverá democracia sem um judiciário forte e independente"

Josaphat Marinho – reverência a um mestre

Marco Aurélio Mello

A humanidade jamais se resignou à terrível punição a si imposta em face do pecado original - a explicação bíblica para a morte. Afinal, se os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus e se lhes foi dado o dom da inteligência, por que deveriam optar entre o conhecimento e a imortalidade? Por que o preço vergonhoso da ignorância haveria de ser pago pela permanência no paraíso, a metáfora religiosa para a felicidade? Não, nunca houve justificativa convincente o bastante para amainar o sentimento de frustração diante do que parece ser o único obstáculo verdadeiramente intrasponível ao homem.

O infortúnio relacionado com o fim da existência foi o mote para que os romanos, às avessas, rogassem aos próprios inimigos uma impiedosa e assustadora praga: "Deus te dê uma longa vida, para que possas enterrar todos os teus". Vista por esse prisma, a imortalidade aparece como um pesado fardo, já que inevitável seria a amargura daqueles que teriam a saudade como onipresente companheira. Ainda assim, mesmo diante de tantas obviedades e do velho truismo de que a morte é a única certeza, não há jeito de assimilarmos com naturalidade a perda dos que nos são caros, mormente se vem súbita, traiçoeira, sem nos haver preparado para tão traumatizante desventura. A perplexidade, então, como que agrava a dor já por si pungente, até pela impotência com que fomos flagrados.

A irresignação mais ainda sobressai se tomba em pleno combate um daqueles valiosos guerreiros cuja obra, por maior e abrangente que seja, vislumbra-se para sempre inacabada, tal

o talento e as possibilidades do autor. E o que dizer se, ao lado de tantos atributos intelectuais, esse cavaleiro do bem, revestido de toda a honra e amparado indubitavelmente na virtude, dedicou a vida inteira à causa pública, visionário que foi desde o começo dos salutares efeitos da consolidação das liberdades democráticas no crescimento e grandeza de uma nação?

O diligente leitor por certo já sabe do que aqui se trata. O Brasil acordou, no último domingo do mês de março, exatamente no dia do aniversário da revolução militar de 1964, com a surpreendente notícia do falecimento de um dos brasileiros que mais lutou pela consolidação, no país, de um Estado Democrático de Direito.

Ante a perda de personalidades singulares como o mestre Josaphat Marinho, sói acontecer de as palavras se afigurarem insignificantes e de certas expressões, por irresponsável e inadequadamente usadas em outras ocasiões, perderem muito de sua força natural. Não obstante, em face de um cidadão do vulto do admirável ex-senador, de forma alguma será bastante dizer que a perda foi definitivamente irreparável. Sobretudo porque, em vida, o país não lhe rendeu as homenagens de direito, o que talvez demostre o quanto o povo brasileiro ainda carece de discernimento para reconhecer seus verdadeiros heróis e, no dia-a-dia, dar carbais provas de genuína gratidão. Diante da obra e da envergadura moral do emérito professor, do sábio jurista e do diferenciado político – poucos senadores houve igual –, cabe-nos admitir, envergonhados, o erro de haver-mos tolhido, nas urnas (e muitas vezes por meio de ignóbeis ardis), uma voz que não poderia ter sido calada, até porque veículo de lucidez e experiência ímpares.

Infelizmente, na história política do Brasil, não raros são os casos que revelam o despreparo da população em se cuidando da merecida e oportuna reverência para com os seus mais dignos líderes – lembremos aqui, en passant, de Rui e de Ulysses Guimarães, ambos ceifados em seus elevados projetos políticos muitas vezes por mesquinhas artimanhas. Se chance há de algum consolo ante tão lastimável vicissitude pátria, talvez esteja na esperança de que o exemplo advindo dessas superiores biografias, ultrapassando e, simbolicamente, vencendo a morte, há de resultar, na prática democrática cotidiana, em bons frutos.

De fato, nada ensina e persuade mais que o exemplo. Aqueles que mais viveram sabem que, para conhecer um homem, basta observar o que faz, não o que diz. Quando há coincidência absoluta entre as duas ações, a conclusão óbvia é que se está diante de um baluarte de inquestionável caráter e retidão moral. Assim era Josaphat Marinho, em relação ao qual todos os adjetivos parecem parcos e pouco precisos, tal a dimensão que atingiu em todas as áreas em que atuou. Aquinhado por incomum senso de ética e equilíbrio, distinguido por notável inteligência, colocou todo o idealismo, a inesgotável capacidade de trabalho, dia após dia, desassombadamente, em defesa do bem comum.

As pessoas que conviveram mais de perto com o professor jamais esquecerão da simplicidade, da jovial fidalguia, da lealdade, da ternura, da sabedoria, enfim, da bondade que lhe diferenciou cada gesto. O aplauso, ainda que não ouvido por quem de direito, ficará grafado, merecido e indelevelmente, nos anais da nossa história.

Presidente do Supremo Tribunal Federal